



Serviço, Santidade, Sabedoria e Solidariedade.

*Pistas para aprofundamento da compreensão da
Carta Pastoral do Colégio Episcopal:
Servos/ Servas/ Santos/ Santas/ Sábios/ Sábias/ Solidários/
Solidárias.*

Bispo Adriel de Souza Maia

Publicação do Colégio Episcopal
Fevereiro de 2006

Tiragem: 300 exemplares

Introdução

O Colégio Episcopal reuniu-se nos dias 20 e 21 de dezembro de 2005, com o propósito de dar continuidade ao preparo do 18º Concílio Geral. Na reunião, recebeu o resultado da Avaliação Nacional e aprofundou sua reflexão sobre o eixo definido para o Concílio, que é “eclesiologia cristã e metodista”.

Constatando a realidade paradoxal de unidade e fragmentação na igreja, o Colégio percebeu que não seria necessário produzir novos documentos com vistas a orientar a caminhada da comunidade metodista, mas retomar os já publicados, fazer um novo estudo deles e propor ao 18º Concílio Geral correções na vida da Igreja, em conformidade com eles.

As cartas “As marcas da identidade metodista” e “Servos, servas, sábios, sábias, santos, santas, solidários, solidárias” são os documentos de fundamento para o próximo Concílio Geral. Essas cartas devem ser estudadas pelas delegações e servir como base para o que for discutido e aprovado.

Como forma de fundamentar esse estudo, o Colégio Episcopal decidiu publicar os comentários do bispo Adriel de Souza Maia à segunda carta, conforme o que ele preparou para a circular episcopal de sua Região Eclesiástica, intitulada “Dialogando com o Bispo”, de maio a setembro de 2005.

Considerando que o texto foi preparado para publicações mensais, para que ele seja publicado num único documento, voltado para um outro público, quais sejam, os delegados e delegadas ao 18º Concílio Geral, a pedido do Colégio Episcopal a Revda. Hideide Torres introduziu nele os “para refletir”, com o que se busca ajudar no aprofundamento do texto.

Segue-se, assim, o documento. Bom estudo!

Pistas para aprofundamento da compreensão da Carta Pastoral do Colégio Episcopal:

Servos/ Servas/ Santos/ Santas/ Sábios/ Sábias/ Solidários/ Solidárias.

O Colégio Episcopal, ao escrever os seus pronunciamentos pastorais em nome da Igreja Metodista, tem por objetivo repassar a esta nossa família as marcas missionárias de sua confessionalidade. Marcas que identificamos ao longo da bela história iniciada pelos Wesleys e seus colaboradores e colaboradoras. Em 2006, essa trajetória completa 268 anos ao redor do mundo.

A afirmação de que a Igreja Metodista, portanto, não possui doutrinas ou fundamentos, é falsa, imprecisa à vista dessa história e realidade. Esta é uma Igreja que acompanha a caminhada histórica do nosso povo, em suas necessidades internas e externas. Temos muitos e maravilhosos documentos, alguns dos quais precisam ser recuperados e operacionalizados na vida da Igreja.

A Carta Pastoral “Servos e servas...”, por exemplo, foi gerada em um momento de grande aflição no contexto externo e interno da Igreja e do País. Havia sinais de grande intolerância entre os grupos existentes na Igreja: conservadores, carismáticos, progressistas entre outros e, conseqüentemente, a presença de um messianismo em todos os grupos, gerando o sectarismo, o divisionismo e a indisciplina eclesial.

Ao observar aquela crise e as diretrizes apontadas pelo documento, podemos perceber sua atualidade e relevância para nós. Faço a seguir alguns destaques que considero mais pertinentes, que servem para nós como perspectivas ou *sondagens*, que nos permitem parâmetros para avaliar nossa realidade atual, quais sejam:

1) **Necessidade de conhecimento e vivência de nossa identidade como Igreja.** Quem somos nós? Para que viemos? O que é ser cristão? Qual é o nosso papel missionário? Na verdade, essa sondagem nos conduz a uma reflexão mais ampla sobre nossa missão e nossos valores. Em minhas preleções, tenho enfatizado uma questão de fundo: hoje vivemos uma crise eclesiológica. Eclesiologia é a palavra que define o que é ser igreja, nossa identidade. A crise de identidade, a meu ver,

entre outros fatores, está ligada ao surgimento do movimento neopentecostal, com todos os seus desdobramentos da ideologia de mercado. Inclusive, verificamos muitos descompassos pastorais no afã de fazer um diagnóstico sobre a caminhada da Igreja. Creio que essa primeira sondagem deve nos conduzir em uma perspectiva de humildade e quebrantamento diante de Deus. Nas palavras da Carta Pastoral “muitos dos que compõem a Igreja têm-se deixado levar pelo vento de doutrinas sem raízes históricas”.

Para refletir:

Ao final deste documento, o bispo Adriel apresenta uma reflexão a respeito da natureza da Igreja. Pode-se estudar neste ponto a referida reflexão, fazendo pontes com a nossa realidade local, distrital e regional. Os pontos levantados poderão servir como orientação em termos de ações visando à melhor fundamentação da identidade da Igreja em nossa atuação missionária.

2) Necessidade de visão missionária completa. Não possuímos, de forma clara e definida, um compromisso missionário, um projeto missionário. Nos últimos anos, enfatizamos a importância do projeto missionário da Igreja Metodista em terras brasileiras. Felizmente temos ampliado nossas preocupações. No entanto, ainda não temos uma estratégia que viabilize um *projeto corajoso, abrangente, que envolva todas as igrejas locais e instituições*. A Carta nos adverte: “nos falta uma mística que infunda na vida de todos os metodistas brasileiros uma autêntica e concreta paixão missionária que, sob o poder do Espírito Santo, nos leve a viver de maneira prática e poderosa o lema: ‘o mundo é a minha paróquia’. A crise no mundo de nossos dias requer uma Igreja com autoridade para testemunhar poderosamente fora das quatro paredes do templo (...) Recuperar o compromisso missionário é o imperativo maior do povo metodista no Brasil”.

Para refletir:

Algumas vezes, sabemos pontuar bem nossos problemas, mas nos falta a capacidade de encontrar soluções. Quando fala à Igreja como um todo, o Colégio Episcopal consegue passar a visão geral, panorâmica. Cabe a cada um de nós trazer essa visão à realidade local,

distrital e regional em que estamos. Cristo agiu a favor de toda uma multidão a partir de dons localizados: cinco pães e dois peixinhos. O que podemos oferecer? De que forma isso pode contribuir para alcançar a visão missionária completa de que sentimos falta?

3) “Diversidade quanto à compreensão e vivência da espiritualidade”: Possivelmente, a nossa maior crise denominacional passa por essa sondagem. Nessa linha de pensamento, os bispos da época ressaltaram: “partindo de leituras selecionadas do texto bíblico e da História da Igreja, formam-se, em meio à Igreja, segmentos que clamam estar consigo a correta interpretação e vivência da espiritualidade da vida sob a ação do Espírito Santo. A partir daí, chegam até assumir posturas messiânicas (como se fossem os condutores da salvação correta) tanto com relação à Igreja como ao mundo”. A espiritualidade metodista é vivida nas dimensões vertical e horizontal. Temos que estabelecer um estilo de vida cristã que seja fé em ação.

Para refletir:

A diversidade sempre existiu na história da Igreja. Vista positivamente, ela pode ser a chave que ajudará a Igreja a posicionar-se de modo a alcançar as pessoas em suas diferentes visões, culturas, necessidades. Vista negativamente, constitui barreira à unidade não apenas entre os diferentes ramos da videira, mas mesmo no âmbito local. A Igreja precisa assumir a diversidade das visões na unidade das ações. Isto é, ter em vista a convergência, o objetivo e o propósito. Como superar rótulos em favor de uma real dinâmica de dons e ministérios?

4) Superação da “visão consumista, materializada e secularizada da vida”. Talvez aqui esteja a nossa maior fragilidade. O evangelho de Jesus Cristo nos impõe um estilo de vida desapegado. Mas como viver essa experiência em uma sociedade que nos convida ao consumismo, ao sucesso e a uma experiência de prosperidade? O Colégio Episcopal adverte: “A Teologia da prosperidade e do sucesso econômico como sinais da graça, a idéia de que andar com Deus é poder conseguir êxitos materiais; essas são versões religiosas do consumismo

materialista, que resultam em um cristianismo sem cruz, sem compromisso solidário com os que sofrem”. Portanto, assumir a cruz implica uma atitude de risco. Em uma sociedade com tantas seduções, é preciso sermos seduzidos por algo maior: o projeto do Reino de Deus.

Para refletir:

Como Igreja histórica, sofremos com o processo de esvaziamento de nossas comunidades, com as pessoas debandando atrás de discursos e práticas que percebemos ir em direção oposta à pregação de Cristo. Ao mesmo tempo, como atualizar a mensagem em vista dos “sinais dos tempos” sem perder o conteúdo, a essência do Evangelho?

5) **Superação da “busca inconseqüente de lugares de poder”:** A unidade do povo de Deus é fundamental. As divisões ocorridas na história da Igreja têm um grande peso clerical, isto é, a liderança pastoral sofre excessivamente a tentação e sedução do poder. E não o poder de Deus e, sim, o poder humano e a sedução por cargos e posições. Jesus nos aconselha: “o maior é aquele que serve”.

6) **Resgate do “viver como mordomos do Senhor”:** A carta fala do “esquecimento” do que é a mordomia cristã. Para a doutrina bíblica, mordomia significa ter consciência de que a Deus tudo pertence, e que somos apenas os beneficiados com o uso, os responsáveis pela guarda, e os encarregados de fazer prevalecer a justiça pela boa destinação dos bens que Deus nos confiou. Essa sexta sondagem é ampla, envolve a totalidade do nosso ser. Por exemplo, a mordomia do tempo, dos recursos humanos, tecnológicos, financeiros, materiais, econômicos etc. Como utilizamos esses recursos no contexto da nossa vivência cristã? Será que esses desafios servem somente para leigos e leigas das igrejas locais? Como pastores, pastoras, bispos e bispa, depositamos no altar da graça de Deus os nossos recursos para a promoção da vida em Cristo?

7) **Resgate das “marcas de uma ética comportamental”:** Qual é o estilo de vida ética, pessoal e comunitária, anunciado e vivido por Jesus Cristo? Ao falar da descaracterização das marcas dessa ética comportamental, os bispos destacam: “na busca de evitar-se uma ética

marcadamente moralista, atitudes liberais apontam com desnecessária a continuidade das práticas de vida pessoal até então defendidas pela Igreja e apresentadas em suas Regras Gerais. De outro lado, esquecendo-se de que cada fato ocorre em uma circunstância específica e, conseqüentemente, cada comportamento possui uma relatividade, os legalistas permaneceram na formulação de quase dogmas de conduta de comportamento. Ao ensinar que o sábado foi feito por causa do homem, e não o inverso, Jesus nos indicou o centro de valor da conduta humana. Eis a preocupação fundamental que nos deve conduzir: buscar uma ética que valorize a vida, que dignifique a pessoa, promova a todos e seja louvor a Deus. Buscar os caminhos da santidade atuante, no aqui e agora”.

Para refletir:

Os três itens anteriores falam na mesma direção: a busca do poder e a ausência da ética do Evangelho na vida cristã ocasionam a impossibilidade da mordomia. Que sinais desses problemas vemos em nossa igreja local, distrito e Região? Temos combatido essas visões distorcidas? Quais são as nossas motivações pessoais no lugar que ocupamos agora mesmo?

8) **“Busca de instrumentos práticos e teóricos atualizados”:** Como Igreja, não devemos ter medo do progresso científico a serviço da melhor qualidade de vida para as pessoas e a comunidade. O fundador do movimento metodista, João Wesley, instruiu os seus seguidores sobre a necessidade de uma prática pastoral/missionária aliada à reflexão e constante atualização.

Os bispos, em sua Carta, sublinham: “Podemos utilizar as ferramentas conceituais, oferecidas pelo mundo da ciência: sociologia, psicologia, política, economia, história. E não podemos, de forma alguma, deixar de conhecer a renovada Palavra de Deus e a reflexão teológica que a mesma nos leva a elaborar, a fim de que estejamos constantemente nos caminhos da missão”. É bom trazer à nossa memória a carta de Wesley ao sr. Rutherford: “[...] é princípio fundamental na escola metodista que todos os que entram para ela devem renunciar à sua razão? Está o sr. acordado? A menos que o sr. esteja conversando

dormindo, como pode o sr. dizer uma inverdade tão grosseira? Nós temos o princípio fundamental de que renunciar à razão é renunciar à religião, que a religião e a razão caminham de mãos dadas e que toda a religião sem razão é falsa.” (BURTNER e CHILES. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. 2.ed. Rio de Janeiro, Instituto Bennett da Igreja Metodista, Instituto Bennett da Igreja Metodista, p.26). Portanto, o foco da nossa prática ministerial é o exercício da missão dada por Jesus Cristo.

Para refletir

Muitas vezes, a Igreja tem estado à parte dos debates científicos, como se eles não tivessem a ver com a vida ou o Evangelho. Mas assuntos como clonagem, bioética, meio-ambiente, viagens espaciais nos falam, nas entrelinhas, de novos processos de exclusão, de utilitarismo dos recursos naturais e humanos, de novos preconceitos e separações no presente e no futuro. Conhecer as ferramentas é imprescindível não apenas para melhor utilizá-las no que convier à vida como também na fala profética da Igreja. Como está essa realidade em nossa região eclesial hoje?

9) Percepção adequada da “riqueza e diversidade de recursos humanos”: Não há dúvida de que a Igreja Metodista, em solo brasileiro, registra um potencial maravilhoso em recursos humanos, por meio do seu laicato e ministério pastoral. Muitos dos nossos membros atuam com suas diferentes capacidades técnicas, culturais, artísticas, profissionais etc, nos diversos segmentos produtivos e educacionais da vida nacional e internacional. O maior recurso de uma comunidade de fé é, na verdade, o potencial do recurso humano. A Igreja Metodista precisa de uma estratégia mobilizadora, a fim de canalizar esses recursos maravilhosos para gerar vida e missão. Lamentavelmente, a Igreja desconhece a grande força do nosso laicato com seus dons, ministérios, recursos e possibilidades de uma Igreja Ministerial. Vocês já imaginaram esses recursos humanos, de fato, na impulsão da obra missionária? Por certo, teríamos uma Igreja mais participativa e com maior inserção na comunidade, com visibilidade missionária.

Os pastores e pastoras precisam de uma ação mais corajosa junto ao laicato, especialmente uma mensagem de despertar de

seus dons e ministérios no cenário da missão. Com tristeza, registramos nos últimos anos a perda de muitos valores do nosso laicato para outros ramos religiosos. Aqui, faz-se necessária uma retomada na dimensão de uma Igreja de Dons e Ministérios.

Na Carta Pastoral, os bispos ressaltam: “a conceituação de Igreja como entidade cujos membros, em sua totalidade, possuem dons e exercem ministérios é um momento muito abençoado, no qual caminhamos no sentido de constituir a própria Igreja como comunidade ministerial direcionada para as pessoas, no mundo, com suas necessidades. E não uma Igreja ‘clube social’, com gente ocupando cargos, funções, postos de autoridade, voltados para os seus próprios interesses. O processo de renovação encontra-se em atividade, com frutos visíveis. Porém, na caminhada, há muito para ser aprendido e revisto”.

A carta destaca ainda que líderes clérigos “sentem uma dificuldade inicial para situar a dimensão de seu ministério numa Igreja de Ministérios. E muitos leigos e leigas têm dificuldades para se localizarem em uma Igreja ministerial, na qual a liberdade do Espírito é a marca, e vão deixando de ter lugar ao clericalismo, o autoritarismo e o legalismo eclesial.”

Para refletir:

Quanto da missão tem sido impedido por ciúmes, receios pessoais, sentimentos mesquinhos de inveja que fecham as portas a novas pessoas e talentos? Por outro lado, quanto tem deixado de ser feito porque não oferecemos os talentos que reconhecidamente possuímos?

10) Constatação de que “Dons e Ministérios mobilizam igrejas locais, regiões e instituições”: Quando a Carta Pastoral foi escrita, em agosto de 1989, na verdade, havia uma grande efervescência sobre a dinâmica de uma Igreja centrada nos Dons e Ministérios. Os bispos, analisando o contexto, registraram o seguinte testemunho: “a caracterização da forma de ser Igreja (mais do que um programa ou projeto), conhecida como Dons e Ministérios, evidencia sinais de revitalização, crescimento e vivificação no serviço, em igrejas, projetos

e pastorais por vários pontos do País. As reações de estilos não são uniformes, mas caminham nesta direção fundamental de ser Igreja Missionária, Igreja na qual, sob o poder e autoridade do Espírito Santo, todos são ministros; Igreja que se dispõe ao serviço, Igreja voltando-se para as necessidades do mundo, no qual se localiza. Daí o surgimento de ministérios e pastorais específicas, tais como: com os pequenos grupos de agricultores, os sem-terra, os idosos, os meninos e meninas de rua, os escolares, junto às periferias urbanas, ao lado dos encarcerados, juntamente com os grupos discriminados (negros, mulheres, viciados, juventude).” (p. 17).

Algumas situações devem ser observadas:

a) ao longo dos anos, temos perdido o foco de uma Igreja de Dons e Ministérios. É de grande importância uma reavaliação da nossa caminhada na perspectiva de dons e ministérios;

b) cresce a presença de cargos e posições, comprometendo, assim, nossa matriz de Dons e Ministérios, ou seja, uma Igreja dinamizada pela graça de Deus, à semelhança do Pentecostes. Os bispos, no Encontro de Pastores e Pastorais, realizado em agosto de 1988, em Belo Horizonte, MG, registraram: “Dons e Ministérios estão na ordem do dia. Não é, simplesmente, uma redescoberta, mas acima disto, significa uma abertura ao sopro do Espírito Santo, revelando novos caminhos, na caminhada da missão [...] Os dons devem produzir seus frutos e estes são: amor, fidelidade, mansidão, alegria, paz, bondade, verdade, compreensão, justiça, unidade... (Gl 5.22-23). Além do mais, frutos constituem o critério de referência para identificar se cada dom e ministério procedem ou não do Espírito Santo. O exercício dos dons implica frutos de vida e testemunho em termos de qualidade [...]. A dinâmica dos Dons e Ministérios não deve ser confundida com programas especiais e tarefas a mais que se agregam à engrenagem já existente, porém, elas não pretendem ser um retrocesso na ação da Igreja, no que tange ao seu compromisso missionário e profético”.

c) Neste tempo em que agendamos as prioridades para o próximo Concílio Geral da Igreja Metodista, a realizar-se em julho de 2006, não podemos esquecer que, na realidade, nossa eclesiologia precisa estar em consonância com uma Igreja de Dons e Ministérios.

Devemos ser uma Igreja em nova diáspora, ou seja, uma Igreja dispersa por todos os segmentos da sociedade em termos de testemunho e serviço.

Para refletir:

Foi afirmado que muitas pessoas ainda não compreenderam o que significa uma igreja em dons e ministérios. O que falta para entenderem? Como entender? Será que mesmo as lideranças da Igreja têm plena consciência desse caminho escolhido? Como lançar luz a essa realidade?

11) Estabelecimento do “compromisso com o princípio da conexidade”. A carta pastoral atesta que este compromisso andava ausente quando de sua redação. Ultimamente, se tem destacado que a Igreja Metodista trabalha sua organização ministerial a partir de três desafios: uma igreja conciliar; uma igreja episcopal e uma igreja conexional. Nos Elementos Fundamentais da Unidade Metodista - Herança Wesleyana, destaca-se: “o metodismo afirma que o sistema conexional é característica fundamental e básica para sua existência, tanto como movimento espiritual e instituição eclesiástica (Ef 1.22-23). Deus lhe deu essa forma de articulação unificadora para cumprir sua vocação histórica de “reformatar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre a terra” (João Wesley). Em outras palavras, isso significa que:

a) a Igreja Metodista existe como um todo, na união das várias igrejas locais, vinculadas umas às outras e, a nível nacional, orientada pastoralmente pelo Colégio Episcopal;

b) no sistema metodista, o congregacionalismo não se afina com o nosso tom;

c) urge reconquistar a prática conexional. No entanto, às vezes, esse sistema é visto apenas no processo de captação de recursos financeiros, por meio de cotas orçamentárias. Analisar apenas neste prisma é reduzi-lo. O sistema conexional é uma grande parceria de recursos humanos, técnicos, patrimoniais, financeiros etc., voltada a ação evangelizadora integrada e integradora. Barnabé seguiu muito em seu ministério o sistema conexional, em termos de sua abnegação e

partilha. Ser conexional é partilhar. Como seria diferente se nós, metodistas, em terras brasileiras, fôssemos mais conexionais! Teríamos mais recursos e, especialmente, seríamos mais justos na distribuição das riquezas ministeriais existentes em nosso meio, não tenho dúvida!

12) Conscientização da “existência de rupturas na unidade da Igreja”. O maior trabalho do apóstolo Paulo junto às igrejas sob o seu pastoreio foi sua insistência na unidade do Corpo, apontando, inclusive, os graves problemas quando esta fica comprometida. Por exemplo, em Efésios 4.1-6, ele diz: “Rogo-vos, eu, prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados”. Qual a vocação a que fomos chamados? Não tenho dúvida de que é a vocação da unidade do Corpo de Cristo. “Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”. Na Igreja de Corinto, Paulo apontou sinais desagregadores: “o individualismo e sectarismo traziam perda de unidade e comunhão, estabelecendo a indisciplina e a divisão do seio da Igreja”. Com muita sabedoria pastoral, o Colégio Episcopal nos orienta: “a busca da unidade não é um item a mais no programa da Igreja. É uma necessidade básica. Voltando nossa atenção à missão, e com ela ocupados, encontraremos as marcas de comunhão. Amadurecidos, então, poderemos trabalhar na missão com os múltiplos aspectos daquilo que nos une (p.14)”.

A Carta Pastoral aponta dois grandes perigos internos:

a) O ofuscamento dos referenciais emissores de autoridade: “a erosão e a carência de centros de comando político/econômico autênticos e benéficos, na vida do País, o que leva o povo a (...) querer ‘levar a melhor’ e ‘vantagem em tudo’, eis o fator a refletir na vida eclesial, conduzindo à defesa de posicionamentos do tipo: ‘eu faço o que acho melhor e me parece correto’. Onde está a fonte de autoridade para a Igreja? A voz de comando? Quem emite o som inicial, ao qual haverá de afinar-se toda a orquestra? É preciso lembrar as instâncias às quais a Igreja tem que se referir - a Palavra de Deus contida no Antigo e Novo Testamentos, a tradição cristã (que, para os Metodistas, passa pelo referencial teológico vivido por Wesley), os documentos escritos e aprovados pelo metodismo brasileiro, e o corpo pastoral eleito pela Igreja Metodista, no Brasil, para exercer o ministério da orientação doutrinária e prática da Igreja. Esse corpo pastoral, dessa mesma Igreja, recebeu a tarefa de ajudá-la a discernir os sinais e apontar os alvos da

caminhada, submissos ao Espírito Santo e aos elementos de autoridade que todos antecede. Esse corpo pastoral é o Colégio Episcopal”;

b) *O desconhecimento dos caminhos de contestação adequados e normatizados.* Na minha visão, esse é um item de extrema importância na caminhada da Igreja Metodista. O metodismo, historicamente, tem aprendido a conviver com a pluralidade. No entanto, essa prática é utilizada por vezes equivocadas, afirmando que no metodismo tudo é possível. Wesley não se cansou de citar o seguinte pensamento: “no essencial unidade; no não essencial, liberdade; em tudo, caridade”. É de extrema importância trazer à memória do nosso ministério pastoral uma palavra do Colégio Episcopal, especialmente, quando se percebe um retorno à apologética na vida da Igreja: “como corpo social, a Igreja, por seus concílios, estabelece regras, propõe normas e lança diretrizes. As fontes produtoras dessas regras estão estabelecidas na lei interna da Igreja: os Cânones. Como indivíduos, as pessoas, por vezes, se sentem feridas ou injustiçadas. Ou postulam a falta de base bíblica ou teológica das decisões. Ou sua contextualização. Por isso, é humano que contestem. Nem sempre, porém, os caminhos da contestação têm sido aqueles propostos pela Igreja, a qual possui suas comissões, e instâncias internas, abertas e com a devida autoridade para julgar os pedidos que lhe forem endereçados. A desobediência pessoal ou grupal, pura e simplesmente feita em desrespeito ao instituído, bem como a tentativa de encontrar soluções por caminhos de atalho, são comportamentos desagregadores da Comunidade, que desacreditam a existência da autoridade eclesial, semeiam o individualismo em meio ao Corpo de Cristo e espalham o divisionismo e o sectarismo. A Igreja reconhece o direito à contestação ao mesmo tempo em que propõe os mecanismos pelos quais deva efetuar-se. As autoridades da Igreja não existem para ser autoritárias ou arbitrarias, mas para exercer em amor o ministério diretivo que a comunidade lhes confiou. Conselhos, comissões, pastores, pastoras, leigos, leigas em seus ministérios, Bispos - eis as autoridades em seus postos e níveis” (p.20)”.

13) Vivência da “graça de Deus na experiência pessoal e comunitária”. Nós, metodistas, não podemos descuidar dessa doutrina

central da nossa Igreja. Ela é o motor que dá dinamismo à nossa caminhada missionária. Temos que recolocar perante a Igreja a maravilhosa gratuidade do amor de Deus em Cristo Jesus. Faz-se necessária, em uma sociedade secularizada, uma profunda conversão à graça transformadora do Evangelho. O Conselho Mundial de Igrejas, em sua próxima Assembléia, a realizar-se em Porto Alegre, em fevereiro de 2006, terá como tema “DEUS, EM SUA GRAÇA, TRANSFORMA O MUNDO”. Há muitos livros que podem nos ajudar ao aprofundamento dessa doutrina fundamental dos metodistas, por exemplo, “Viver a Graça de Deus - um compêndio de teologia metodista”, escrito por Walter Klaiber e Manfred Marquardt (Editeo e Editora Cedro) e “Lei, graça e santificação”, de autoria do pastor batista e biblista Dr. Russell Phillip Shedd (Edições Vida Nova). Evidentemente, temos uma bela bibliografia sobre o tema à nossa disposição. No entanto, os bispos ressaltam um aspecto importante: é preciso vivenciar a graça divina de forma pessoal e comunitária: “A experiência da graça, protagonizada por Wesley e pelos metodistas é, ao mesmo tempo, uma experiência de mais clareza intelectual e impacto existencial. Ela é profunda e compreensiva. É mística e racional. Enfatiza a Bíblia como fundamento de toda a fé e prática e valoriza a experiência religiosa. É pessoal e acontece no seio da comunidade, requerendo uma profunda conversão pessoal e social. Estimula a espiritualidade e não despreza a disciplina comunitária. Busca incessantemente a unidade do Corpo de Cristo e requer uma profunda fidelidade à herança espiritual wesleyana.” (p.18).

Para refletir:

Os três itens anteriores também estão interligados. A existência de rupturas demonstra o problema da conexão, seja em termos distritais e regionais, seja em termos locais. Muitas vezes, a experiência pessoal de clérigos e leigos é de tal modo colocada acima da experiência comunitária que é impossível haver conexão no corpo. Como se dá essa realidade no local em que estamos hoje? De que maneira as pistas e sondagens aqui apontadas nos esclarecem quanto ao caminho a seguir?

14) Reconhecimento de que “a obra do Espírito Santo na vida do crente e da Igreja é fundamental”. “O Metodismo proclama que o poder do Espírito Santo é fundamental para a vida da comunidade de fé, tanto na piedade pessoal como no testemunho social (Jo 14.16-17). Somente sob a orientação do Espírito Santo a Igreja pode responder aos imperativos e exigências do Evangelho, transformando-se em meio de graça significativo e relevante frente às necessidades do mundo (Jo 16.7-11; At 1.8, 4.18-20”, cf. Plano para a Vida e Missão da Igreja, Cânones 2002, p.74, item c). Hoje, precisamos recolocar para nós mesmos a fundamental doutrina da fé cristã: *a doutrina do Espírito Santo* e, especialmente, o papel renovador e transformador do Espírito Santo na vida de cada um de nós, na Igreja e no mundo. Uma Igreja que caminha na dinâmica do Espírito Santo produz frutos de santificação. João Wesley escreveu: “Creio no Espírito Santo infinito e eterno de Deus, igual ao Pai e ao Filho, não somente perfeito em si mesmo, mas sendo a causa de toda a nossa perfeição. Aquele que ilumina o nosso entendimento, retifica a nossa vontade e afeições, renova a nossa natureza, une a nossa pessoa com Cristo, dá-nos a certeza da nossa adoção como filhos e guia-nos em nossas ações, purifica e santifica a nossa alma e nosso corpo para gozo completo em Deus.” (BURTENER, R. W. e CHILES, R. E. *Coletânea da Teologia de João Wesley*. 2. ed. Rio de Janeiro, p.85)

15) Promoção da “paixão evangelizadora”. Os bispos destacam: “a experiência da graça, pelo Espírito Santo, torna-se a força vital de propagação do crescimento metodista. A experiência de testemunho interno do Espírito Santo (Rm 8.13-17) vitaliza todo o ser, na relação com Deus, com o próximo e consigo mesmo. É um incontido poder de comunicação que tirou a Igreja das quatro paredes dos templos, levando-a até as pequenas comunidades (às classes), boca de minas, praças públicas e todos os lugares, onde as pessoas, de qualquer idade e condição social, estivessem em condições de aceitar, pela fé, a Jesus Cristo e transformar essa fé em obras de misericórdia. No poder do Espírito Santo, pelo testemunho e serviço prestados pela Igreja ao

mundo em nome de Deus, da maneira mais abrangente e persuasiva possível, os metodistas procuram anunciar a Cristo como Senhor e Salvador (1Co 9.16; Fp 1.12-14; At 7.55-58)” (p.18). O Plano Nacional - Objetivos e Metas coloca em relevo o desafio da evangelização: “Missão é convocação e envio”. Evangelização é o conteúdo da missão. A Igreja necessita “experimentar de modo cada vez mais claro que sua principal tarefa é repartir fora dos limites do templo o que ela de graça recebe do seu Senhor” e entender que “a Missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se como comunidade e se torna instrumento da novidade do Reino de Deus”. Na verdade, esses conceitos são maravilhosos e esclarecedores, apontando para nossa visão missionária. Porém, precisamos de uma verdadeira paixão missionária, a fim de que nosso testemunho cristão na comunidade seja revelador da graça do Senhor em uma sociedade marcada por paixões pelo poder, prestígio, competição e dinheiro. Nossa paixão precisa ser pelo projeto do Reino de Deus. Ainda considero importante que as igrejas priorizem o essencial, ou seja, a prática da evangelização comprometida com a vida em Cristo Jesus. Nossas igrejas estão realizando o essencial?

16) Ênfase na fé em ação. A carta episcopal afirma que “as obras de misericórdia como expressão e resultado da experiência da graça, tornaram os metodistas comprometidos com os pobres, marginalizados e com a mudança das condições sociais. O metodismo apresenta-se como uma expressão de ‘Cristianismo Prático’, tendo como fonte a Palavra de Deus, a experiência cristã e a convivência na comunidade de fé”. Em outras palavras, os metodistas estão preocupados com a ação prática da fé cristã. O Plano para a Vida e Missão da Igreja declara seu compromisso profético em um País com tantas exclusões: “há necessidade de apoiar todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana”; “há necessidade de denunciar por palavras e pela prática todas as forças e instrumentos que oprimem e destroem a vida humana”; “há necessidade de entender e unir no trabalho, de modo positivo, as igrejas locais, a Igreja e as demais igrejas cristãs”. Que nossos templos sejam abertos para a proclamação da palavra reconciliadora de Deus, que nossas propriedades sejam usadas

para o serviço à comunidade em suas necessidades. Recentemente, fui a uma igreja na Grande São Paulo e, na oportunidade, falava à comunidade sobre a importância do Programa de Alfabetização para Adultos e apelava no sentido de que as igrejas possam abrir os seus espaços físicos para essa atividade, apontando o desafio educativo e social da Igreja Metodista. Após a Escola Dominical, uma irmã procurou-me e disse-me: “Bispo, eu não sei ler [...] gostaria muito de aprender para ler a Bíblia”. Há muitas maneiras de expressar nossa solidariedade em nosso bairro e em nossa cidade. Evangelizar implica o anúncio da graça educativa e transformadora de Deus.

17) Organização em pequenos grupos (classes). A carta afirma que “as classes, como recriação da comunidade de fé, foram o segredo da implantação do movimento”. É uma recriação na qual os leigos e leigas participam decisivamente. As classes produziram uma igreja inserida em sua realidade, utilizando uma estrutura de testemunho, mútuo amparo e instrução. Elas tornaram possível o crescimento não apenas em termos numéricos, mas em qualidade e estilo de vida pessoal e comunitário. Wesley dizia não conhecer religião que não fosse social. Os metodistas, a exemplo de seu fundador, crêem que tornar o cristianismo uma religião solitária é, na verdade, destruí-lo. Esta é uma marca a fortalecer na nossa Igreja, em sua ação docente. Vivemos, hoje, uma experiência centrada nos mega-eventos. No entanto, não podemos descuidar da importância das classes de discipulado. Os pequenos grupos são da mais alta importância, objetivando a vivência, o testemunho e a partilha. Por isso, hoje, a Igreja Metodista recoloca para si o “discipulado como maneira de fortalecer a identidade metodista, é prioridade para a Igreja” (Programa Nacional de Atividades 2004-2005). Também, o discipulado tem por objetivo promover na Igreja um padrão de vida à semelhança de Jesus Cristo. Assim, o “movimento das classes” ou “movimento do discipulado” poderá contribuir significativamente para uma melhoria da espiritualidade de todos nós, pastores, pastoras, bispos, bispa, leigos e leigas.

18) Busca de um “estilo de vida visando à perfeição cristã”. João Wesley sonhou com uma comunidade santa e santificadora. O padrão da santidade foi defendido por Wesley tanto para a vida pessoal, como para a Igreja e a Nação. São conhecidas as suas palavras: “Deus levantou o povo chamado metodista para reformar a nação, particularmente a Igreja e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra”. Jeremias diz: “Levanta marcos para ti, coloca indicadores no caminho, presta atenção ao percurso, ao caminho por onde andaste”. Para nós, metodistas, o marco da santidade é o caminho da excelência, a fim de que tenhamos um estilo de vida marcado pelo “sentimento que houve em Jesus Cristo”. Creio que é da mais alta importância que reflitamos ao respeito do Capítulo II dos Cânones da Igreja Metodista - Dos Costumes - denominado por João Wesley de REGRAS GERAIS, ou seja, o CÓDIGO DE CONDUTRA CRISTÃ. Essa pauta, adaptada para a realidade brasileira, conserva os mesmos princípios a serem perseguidos por toda a família metodista:

- Não praticar o mal;
 - Zelosamente, praticar o bem;
 - Atender às ordenanças de Deus;
- Assim, os metodistas são:
- Moderados nos divertimentos;
 - Modestos no trajar;
 - Abstemios do álcool como bebida;
 - Empenhados no combate aos vícios;
 - Observadores do Dia do Senhor, especialmente dedicado ao culto público, ao cultivo espiritual, pelo estudo da Bíblia, e ao descanso físico;
 - Observadores dos preceitos da Igreja e dos meios de graça que ela oferece, particularmente dos ofícios divinos e Ceia do Senhor;
 - Praticantes do jejum e da oração individual e em família;
 - Honestos nos negócios;
 - Fraternal nas relações de uns com os outros;
 - Tolerantes e respeitadores das idéias e opiniões alheias;

- Praticantes de boas obras;
- Benfeitores dos necessitados.
- Defensores dos oprimidos;
- Promotores da instrução secular e religiosa;
- Operosos na obra de evangelização.

Para refletir:

Os itens acima falam a respeito de como a Igreja pode colocar-se a serviço: abrindo-se à ação do Espírito, desenvolvendo o serviço com paixão, agindo pela fé, resgatando formas históricas de organização que priorizavam a comunhão geradora do crescimento, vivendo em busca da perfeição cristã. Analisando o conteúdo trabalhado pelo bispo, que ações e posturas novas devem nos advir no momento presente da Igreja, à luz dos itens destacados na Carta Pastoral?

Estamos caminhando nesses marcos sinalizadores visando à perfeição cristã em nossas vidas?

19) Culto como espaço educativo: A carta traz à memória que “o Metodismo caracterizou-se também como movimento onde o culto, com seus hinos e canções, educou e direcionou a caminhada de renovação da Igreja, de compromisso evangelizador e de serviço ao próximo”. Não há dúvidas de que hoje necessitamos de uma renovação litúrgica, a fim de que o nosso culto atenda às exigências do nosso povo, com suas angústias, lutas e esperanças. Não podemos perder o foco terapêutico da celebração, inclusive, ensejando oportunidades para apelos a uma vida de santificação e seguimento de Jesus Cristo como Senhor e Salvador. No entanto, não podemos perder a dimensão pedagógica do culto. Na verdade, o movimento metodista “foi um movimento litúrgico, de piedade pessoal e comunitária, onde os hinos, tanto as letras como as músicas, foram facilmente assimilados, integrando-se à cultura popular de então” (p.19).

Para refletir:

Como estamos cultuando hoje? O que este item nos fala sobre a visão litúrgica e diaconal da Igreja?

20) Valorização constante dos ministérios leigos. Há hoje uma forte tendência ao clericalismo. Faz-se necessário um melhor entendimento da Igreja configurada em Dons e Ministérios. Nesse modo de ser Igreja, não há competição por espaços. Ao contrário, todos os ministérios estão a serviço da missão, de acordo com a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes. Por isso, os bispos destacam o seguinte pensamento na Carta Pastoral que estudamos agora: “afirmamos que todos os crentes são responsáveis por seus irmãos e irmãs, devendo ministrar-se mutuamente pelos diferentes dons que o Espírito concede a todo membro do Corpo de Cristo. Os ministérios dos membros leigos são fundamentais para a edificação da Igreja e o exercício da missão no mundo, neste tempo oportuno em que Deus nos concede o seu chamado”. Uma Igreja Ministerial abre espaços para o nosso laicato avançar, missionariamente e com ardor da missão. Nós, pastores e pastoras, temos que entender que a nossa presença na igreja local, por mais longa que seja, ainda é passageira. Nessa linha, nosso laicato deve firmar suas estacas missionárias frente aos apelos da missão.

Para refletir:

Num mundo em que as pessoas cada vez têm menos tempo, muitos estão vivendo a experiência da Igreja apenas em termos de participação nos cultos. Como valorizar os ministérios leigos nesta realidade? Como reposicionar o ministério pastoral em vista da história, tradição e experiência bíblica?

21) Foco na conexidade do metodismo. “Wesley e o Metodismo nunca perderam de vista a conexidade do movimento”. Ainda não abrimos os olhos para essa grande oportunidade e marco do metodismo histórico. Preferimos trabalhar isoladamente, sem somar as nossas forças espirituais, humanas, materiais, financeiras, econômicas etc. Hoje, ouvimos diariamente nos meios seculares a importância das parcerias. Ser conexional é ser parceiro. Não podemos reduzir a dimensão da conexidade no aspecto financeiro e administrativo. Talvez, aqui, resida a nossa fragilidade. Conexidade é criar uma rede em favor

da missão de Jesus Cristo. São importantes e esclarecedoras as palavras dos bispos na citada carta: “essa conexão, muito mais do que administrativa, foi resultado da compreensão da soberania de Deus e do seu amor integrador. Essa conexão existia entre as classes e as igrejas e entre os demais grupos cristãos e a obra missionária que se esboçou em direção da América. É o que levou Wesley a considerar o mundo como sua paróquia, integrando assim essa visão local com o mundo inteiro, sem limite e sem fronteiras”. Por fim, precisamos de ações conexiais e integradoras.

Pistas para a nossa caminhada missionária

Esta parte da reflexão, referente ao item “*Pistas para a nossa caminhada missionária*”, da carta pastoral que agora estudamos, está mais direcionada ao corpo pastoral da Igreja.

Na referida carta, antes de efetivamente propor as pistas para a caminhada, o Colégio Episcopal convida o ministério pastoral a um confronto, à luz da nossa realidade e a partir da inspiração bíblica de Daniel 9.4-19, apresentado como um julgamento profético do Senhor. Essa seção, que contém a oração de Daniel, aponta a fidelidade da aliança do Senhor: “Orei ao Senhor, meu Deus, confessei, e disse: Ah! Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes, e nossos pais, como também a todo o povo da terra. A ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós, o corar de vergonha, como hoje se vê [...] Ó Senhor, a nós pertence o corar de vergonha [...] porque temos pecado contra ti. Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão; pois nos temos rebelado contra Ele, e não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu por intermédio de seus servos, os profetas [...] Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não te

retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome.”

Este é o grande chamamento ao povo metodista, a fim de permitir que o mover do Espírito Santo nos conduza ao verdadeiro quebrantamento, ao arrependimento e à confissão dos nossos pecados pessoais e comunitários. Pecados que se configuram de diferentes formas, quais sejam:

a) Em nossa estreiteza missionária, especialmente, na evangelização do nosso povo excluído da vida abundante prometida por Cristo Jesus.

b) Em nossa desunião, nossa impiedade para com as pessoas que pensam diferentemente de nós.

c) Em nossa indisciplina pessoal e comunitária.

d) Em nossa visão consumista e materializada da vida e, conseqüentemente, rendida à sedução do mercado.

e) Em nossa dureza de coração, frente às demonstrações da graça de Deus na vida da Igreja e do mundo.

f) Em nossos desníveis e desencontros visíveis e invisíveis, no que tange às relações interpessoais.

g) Em nossas mágoas, rancores, ódios, rixas, ofensas retidas nos porões de nosso inconsciente, que precisam de libertação imediata pelo perdão e reconciliação. Como igrejas locais, pastores e pastoras, famílias em geral, somos uma comunidade de pecadores. Todos nós temos dívidas e pecados em relação a Deus e ao próximo. Muitas vezes, nossos relacionamentos encontram-se gastos, corroídos, poluídos pelo orgulho, inveja, ciúme, rancor, mania de grandeza. Nessa linha, nas palavras de Daniel “a nós pertence o corar de vergonha”.

h) Em nossa falta mais ousada de crescimento quantitativo, qualitativo e orgânico. Em nossa falta de participação na marcha histórica de nosso país, marcado pela vergonha da corrupção e desigualdades sociais.

Para refletir:

Na concretude da experiência de cada igreja local, distrito e região eclesial, que atitudes e posturas devemos confessar, que constituem aspectos dos pecados acima listados?

Como superá-los? Como manifestar nesses casos os frutos do arrependimento?

Na busca da graça restauradora do Evangelho de Jesus Cristo, numa atitude sincera diante Deus, os bispos elegem algumas pistas indispensáveis para a construção de uma aliança, a fim de que o corpo ministerial e pastoral siga os caminhos traçados por Jesus Cristo:

1. “Dispor-nos a uma atitude de diálogo, eliminação da desconfiança mútua e empenho pela unidade, pela leitura abrangente da Palavra de Deus, e o reestudo global dos diversos aspectos da história metodista. Esta unidade tem que se concretizar na capacidade de conviver com a diversidade, eliminando toda a prática de sectarismo, divisionismo e indisciplina eclesial e deixando o confronto e atitude apologética que vêm se disseminando no atual momento da caminhada. O imperativo da unidade já está dado em Jesus Cristo, é o fundamento para a efetiva realização de nosso compromisso missionário (João 17).”

Em outras palavras, não podemos, como Igreja, fazer gol contra, ou ainda, não podemos ser “inimigos de nós mesmos”. Talvez o grande desafio que nós precisamos vencer na caminhada da Igreja é aprender a valorizar a beleza da nossa história e sermos mais pró-ativos no caminho da nossa identidade metodista.

Para refletir:

Em vista do que foi refletido na primeira parte, que ações e posturas podemos gerar para fomentar a unidade em termos locais, distritais e regionais, visando à superação das presentes rupturas? O que cabe ao Colégio Episcopal? O que cabe a cada bispo e bispa na Região? Ao Superintendente Distrital? Ao pastor ou pastora? Aos membros leigos?

2. “Empenhar-nos a criar um ‘padrão de visão e ação missionária’, um tipo de projeto missionário que oriente toda a Igreja, propondo-nos a um objetivo maior, unificador de um compromisso. Tal projeto, antes de ser um plano ou uma estratégia, deve ser a expressão de nossa incondicional obediência ao Espírito Santo, na unidade e na comunhão do Pai e do seu Filho [...] que este ardor evangelístico e missionário leve ao real crescimento da Igreja, Corpo de Jesus Cristo, tanto em seus

aspectos quantitativos quanto qualitativos, como estilo de vida de cada um de nós. Isso deve ter como nascedouro a igreja local.”

Não há dúvida de que o nosso insigne fundador, João Wesley, pode nos ajudar na eleição desse “padrão de visão missionária”, considerando-se o seu apelo aos metodistas do seu tempo: “não criar uma nova seita, mas reformar a nação, particularmente a Igreja e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra”. No entanto, esse desafio precisa ter rosto, sentimento, sonho, projeto, a fim de mobilizar o nosso povo numa ação unificadora. Não é que não estejamos trabalhando e evangelizando. Mas, de fato, precisamos nos despertar para a realidade de que as forças internas e externas precisam ser canalizadas a fim de unir, integrar, consolidar e avançar.

Para refletir:

À vista desta palavra, para onde ir? Como chegar a esse padrão? Que senda devemos percorrer?

3. “Vivenciar uma espiritualidade que expresse a ‘dimensão vertical’, por meio da participação na Ceia do Senhor, leitura e estudo devocional da Bíblia, prática da oração e do jejum, participação nos cultos etc.; bem como ‘a dimensão horizontal’, solidariedade ativa junto aos pobres, necessitados e marginalizados de toda a sorte, isto é, aproximação de cada um, e de todos, perante Deus, juntamente como o serviço e proclamação voltados para as pessoas e comunidades. Uma espiritualidade que seja fé em ação. Aqueles que dizem ‘andar no Espírito’ devem mostrar, na prática, os frutos do Espírito e os que buscam um Evangelho libertador devem viver pessoal e comunitariamente a mística da experiência do Espírito. O reestudo criterioso da revelação de Deus, contida nas Escrituras, aliada à experiência da Igreja contemporânea, deve nos conduzir a uma espiritualidade comprometida, autêntica e equilibrada. A vida de oração, meditação da palavra, jejum com a unção do Espírito são condições fundamentais para a vivência da piedade, santificação, comunhão, unidade e da prática da misericórdia e da solidariedade.”

Se nós, metodistas, colocarmos em prática o encontro do vertical com o horizontal em todas as dimensões, seremos, indubitavelmente,

uma comunidade de fé que fará diferença no esforço de reformar a Igreja e a sociedade. Não podemos dividir aquilo que Deus uniu.

Para refletir:

A secularização crônica de nosso tempo parece, em muitos sentidos, ter esvaziado a mística de ser igreja, de partilhar a Ceia, de ver o altar como espaço sagrado de consagração pessoal e comunitária, de ver-nos como enviados de Deus ao mundo, portadores de uma mensagem de poder... Como resgatar essa mística com vistas à eficácia dos atos de piedade e obras de misericórdia?

4. “Buscamos, a cada dia, o sentido de vida que significa ser ‘sal da terra’ e ‘luz do mundo’, realizando, assim, nosso testemunho evangelizador, conscientes de que, na vida cristã, o importante não é o ‘sucesso’ nos moldes do atual mundo materializado, mas a fidelidade às exigências do Reino de Deus, no qual ingressamos ao aceitar o Senhor Jesus Cristo. Redescobriremos que importante é estar no lugar de quem serve, e não em transitórios postos de poder, vivendo, portanto, à semelhança de Jesus Cristo, que veio para servir e não para ser servido, e afirmou que ‘o maior é aquele que serve’.”

Temos que ter clareza de que hoje vivemos em uma sociedade marcada pelo paradigma do sucesso, o qual traz a característica da sedução do poder. O modelo da globalização e do neoliberalismo também chegou aos arraiais evangélicos. Nossa teologia não é a teologia do sucesso, mas da cruz, ou seja, ‘lavar os pés uns dos outros’. Nessa linha de pensamento, faz-se necessário o resgate de uma eclesiologia servicial, a fim de que sejamos uma “Igreja: Comunidade Missionária a Serviço do Povo”.

Para refletir:

O tema deste momento é: Testemunhar a alegria e a esperança do serviço”. Como isso faz sentido para cada um de nós, em vista da sedução do poder que ameaça até mesmo a Igreja?

5. “Dispor-nos à atuação e direção do Espírito Santo, como comunidade, como Igreja, sem posicionamentos individualizados ou visões particularizadas, que supostamente se auto-nomeiam porta-vozes

do Espírito de Deus ou únicas possuidoras de sua ação e direção. Que saíamos do nosso individualismo ou isolamento de grupos para uma atitude aberta, compreensiva e de mútua instrução. Pelo Espírito Santo em nós, somos capacitados a dar um testemunho corajoso e destemido do poder transformador de Jesus Cristo, enfrentando, sem vacilar, as forças demoníacas deste presente século que arrastam para a morte tanto as pessoas como as estruturas sócio-políticas e econômicas. Na autoridade do Espírito Santo, somos chamados a viver a verdade de que só Jesus Cristo é o Senhor.”

Esta pista pastoral nos desperta para o perigo de elegermos os nossos projetos a partir do nosso horizonte provocando, na realidade, a indisciplina pessoal e grupal. Temos que ter uma compreensão da ação dinamizadora do Espírito Santo, a fim de que sejamos uma Igreja atenta e sensível aos sinais dos tempos. Hoje, no mundo evangélico, ministérios autônomos, desvinculados de qualquer Igreja, crescem de forma assustadora, comprometendo a unidade do Corpo de Cristo.

Para refletir:

O que a indisciplina eclesial nos fala, nas entrelinhas, a respeito de como está nossa unidade?

Que espaços hoje na vida da igreja não estão devidamente trabalhados, deixando brechas a essa indisciplina?

Como superar essas realidades? Como curar a dor das rupturas já ocorridas, de modo a evitar novas machucaduras na caminhada?

6. “Gerar recursos financeiros suficientes para a totalidade da ação missionária que temos a realizar como Igreja. Isso acontecerá quando redescobriremos o sentido da ‘Mordomia Cristã’, em termos de nossos dízimos e contribuições, bem como o oferecimento de nossas vidas a Deus. Isso nos levará ao desprendimento em favor da missão. A Deus ofertemos, lembrando: ‘tudo vem de ti, Senhor, e das tuas mãos to damos’ (1Cr 29.14).”

O principal recurso na vida da Igreja é o humano. Deus nos criou à sua imagem e semelhança e cada um de nós é um dom de Deus para a missão. Nessa visão, somos mordomos, não donos. A partir dessa perspectiva, os variados recursos que temos são dádivas de Deus.

Considero que a Igreja Metodista precisa repassar com mais coragem aos seus membros a importância da vida financeira. Numa sociedade com tantos apelos consumistas, muitas vezes não “sobra” a parte que pertence a Deus. Nossas estatísticas mostram que cerca de 40% dos membros contribuem com seus dízimos e contribuições financeiras regularmente. No entanto, a maioria não contribui com seus recursos financeiros para o crescimento da obra do Senhor. Para o desenvolvimento da obra missionária, bem como para o sustento da Igreja, precisamos de recursos financeiros. A “conversão do bolso” tem respaldo bíblico.

Para refletir:

Como temos gerido os atuais recursos de que dispomos?

Como gerar uma mentalidade de mordomia numa economia que prima pelo individualismo e consumismo?

7. “Ocupar-nos em estudar a Bíblia, a história da Igreja, bem como os avanços e as dificuldades do tempo presente. Para tanto, que tenhamos pessoas dispostas à produção de textos e estudos baseados na Palavra de Deus, sem esquecer os conhecimentos advindos da ciência, fruto do trabalho humano, que também é dádiva de Deus. Sobretudo, dediquemo-nos aos estudos teológicos, bíblicos e doutrinários produzidos na linha da tradição da Igreja Metodista em nosso contexto latino-americano [...] exortamos toda a Igreja a continuar usando a orientação doutrinária e a capacitação missionária do povo metodista.”

Vivemos hoje sob o paradigma do conhecimento. Nossa tradição wesleyana nos possibilita uma atitude de abertura frente aos novos conhecimentos, à luz da Palavra de Deus. Também, percebe-se hoje uma grande crise que, a meu ver, pode ser definida como de superficialidade. O estudo bíblico sério, regado pela oração, permitirá uma melhor compreensão da vontade de Deus para o nosso povo. Todo o esforço da Igreja deverá convergir para uma melhor capacitação dos seus membros, a fim de que nos ocupemos em estudar a Bíblia e a história da Igreja, para melhor servir a causa evangélica com nosso testemunho cristão. Nessa senda, é importante a pista docente: “dedicarmo-nos ao trabalho de capacitação para todos os ministérios,

com cursos de formação teológica específica - quer para pastores e pastoras, quer para leigos e leigas - bem como encontros, congressos, eventos que possam constituir oportunidade de mútuo aprendizado e enriquecimento”.

Para refletir:

O que já tem sido produzido e de que não tomamos sequer conhecimento?

Como superar o fato de que muitas informações ficam arquivadas nas secretarias das igrejas, sem que as pessoas tomem conhecimento de oportunidades para aprimoramento, capacitação e serviço?

E quanto aos custos, uma vez que a realidade de nossas igrejas é, na maioria das vezes, de recursos limitados?

8. “Colocar diante dos membros, leigos e leigas, a clareza de nossos objetivos missionários, despertando a todos para o envolvimento constante na missão global da Igreja, de forma que cada um descubra e reconheça seus dons e exercite os ministérios, ou, a partir das necessidades do mundo, voltem-se para os ministérios que clamam por trabalhadores. Em nossa época, novamente os metodistas, sob o poder do Espírito Santo, são chamados a exclamar: ‘o mundo é a minha paróquia’, testemunhando o poder transformador de Jesus Cristo, como Senhor e Salvador, fora das quatro paredes dos templos.”

Volto a insistir em um ponto que tenho enfatizado ao longo da releitura desta carta pastoral: precisamos dar um tom missionário às nossas igrejas locais e projetos. Somente a missão justifica a presença santificadora da Igreja na sociedade e no mundo. Da mesma forma, os nossos recursos precisam estar a serviço da missão. Nosso olhar precisa ir além dos aspectos internos da Igreja. Temos que ouvir o clamor do Espírito e das pessoas em suas necessidades existenciais.

9. “Repensar os projetos de nossas instituições, avaliando se estão em consonância com a missão total da Igreja, isto é, se eles ‘têm vínculos com a missão eclesial’, como posto de ação e desenvolvimento dos sinais do Reino de Deus. Impõe-se a nossa consciência missionária de que as instituições sejam espaços da missão e gerem ação missionária.

Desafiamos nossas pastorais escolares para que sejam instrumentos criativos em seu propósito evangelizador, como parte da consciência crítica das instituições.”

A Igreja Metodista, nos últimos anos, tem refletido bastante sobre o papel das nossas instituições no ministério total da Igreja. O metodismo tem uma vocação educacional. No entanto, tal vocação precisa ser movida pela novidade do Reino de Deus, especialmente a partir de uma sociedade marcada pela competência capitalista e geradora de uma educação utilitarista. Nossas instituições precisam ser postos de vida e missão em uma sociedade brasileira de tremendas desigualdades sociais. Precisam repensar os seus projetos sociais, a partir de uma visão transformadora do ser humano e da sociedade, uma vez que o atual modelo de gestão tem se mostrado vulnerável, frente às exigências internas e governamentais.

Para refletir:

Como nossas instituições podem se tornar espaço missionário?

10. “Celebramos cultos que equilibrem a recordação da vida inaugurada por Jesus Cristo e a comunicação da existência de atos de piedade e obras de misericórdia; espiritualidade e piedade comprometidas. Ao mesmo tempo, que esse culto integre a profunda mística que nos é própria, como a musicalidade e cultura do país, de forma que o Evangelho se encarne na vivência pessoal e comunitária.”

Culto, na perspectiva da fé cristã, é recordação dos atos salvíficos de Jesus Cristo. A Santa Ceia - celebração da Eucaristia - é o centro do Culto. Temos as palavras do próprio Jesus: “Fazei isto em memória mim” (Lucas 22.19) e a palavra de Paulo: “todas as vezes” (11.26), indicando que a celebração tem um centro: o ministério de Jesus Cristo, sua vida, obra, morte, ressurreição e ascensão. Nossos cultos estão deixando de ser cristológicos. Por isso, uma reforma da Igreja passa pela dimensão cültica.

11. “Vivenciar, de fato, o princípio da conexidade metodista, ou seja, de que somos uma Igreja no vínculo das igrejas locais. Assim, que os documentos - emanados dos Concílios da Igreja, de maneira especial o

Plano de Vida e Missão da Igreja, escritos e pronunciamentos dos bispos, bem como outras decisões conciliares - sejam vividos por todos, no firme propósito de caracterizar a caminhada metodista. Conseqüentemente, vivamos edificados em amor e unidos no serviço.” Esta pista fortalece a tríade metodista: Igreja Conciliar, Episcopal e Conexional.

12. “Utilizar com sabedoria os caminhos da democracia no interior da instituição-Igreja, evitando o personalismo, que isola e desagrega, e procurando ouvir o som que dá a afinação ao trabalho coordenado da Igreja. Lembrar que as autoridades existem para o serviço, e que a disciplina comunitária deve levar-nos a reconhecer a orientação comum para um trabalho ordenado. É preciso esclarecer que a liberdade de ação, envolvimento e participação local e regional, pluralidade de posicionamentos, e outros fatos julgados como louváveis, não fundamentam posturas individualistas, sectárias, divisionistas e indisciplinadas, nem em termos pessoais, nem em termos comunitários. É preciso que, com o “auxílio de toda junta e mútua cooperação de todos os membros, possamos ser edificados em amor.”

Esta pista fala por si mesma. No seio da igreja há crise da autoridade. É visível a indisciplina pessoal e comunitária. O metodismo tem uma marca registrada: o compromisso com uma vida disciplinada, geradora dos frutos da santificação, a partir do Evangelho de Jesus Cristo.

13. “Prosseguir em nossa característica fundamental desde o nascimento do movimento metodista, a de ser uma igreja que se reconhece ramo da Igreja Universal de Jesus Cristo, e, portanto, estende a sua mão às outras Igrejas que obedecem a esse mesmo Senhor. Assim, nos unirmos em laços de fraternidade e vínculos de trabalho, a fim de, juntos, construir o Reino de Deus entre nós. ‘Confrontar o ser humano com Jesus Cristo e o Reino por Ele proclamado, a fim de que as pessoas o confessem como Senhor e Salvador, libertando-as de tudo o que as escraviza e conduzindo-as à plena comunhão com Deus e o próximo’.”

Creio que essa é uma grande beleza da herança metodista, ou seja, a nossa capacidade de diálogo com os diferentes movimentos. A

presença metodista é sentida em todos os segmentos eclesiais, considerando-se a sua capacidade articuladora entre os atos de piedade e obras de misericórdia. Não podemos perder o foco dessa pista tão evangélica do povo metodista.

14. “Continuar a exercer o ministério profético, de anúncio e edificação dos sinais do Reino de Deus e de denúncia e demolição das evidências da morte. Deste modo, sendo fiéis à inclinação do Espírito Santo, sentimos que Ele nos leva ao compromisso com a luta pela justiça, tornando-nos solidários com os pobres e oprimidos, enfim, todos os que, discriminados pela presente ordem política e econômica, sofrem, e seu clamor torna-se a voz do Espírito a nós. Conscientes de que, se por um lado molestamos os centros de poder e poderosos, por outro lado somos obedientes a Deus.”

No momento em que escrevo esta reflexão, estamos contemplando o cenário de corrupção que envolve os poderes da República, os atentados terroristas em Londres e no Egito. Como Igreja, não podemos perder a nossa característica profética e pastoral em uma sociedade marcada pela globalização da morte e violência. Deus chamou o povo metodista para exercer um ministério de reforma da nação. Não há reforma sem anúncio profético.

15. “Reafirmar, em todas as circunstâncias, a fé em Cristo, o Senhor da vida abundante, vencedor do pecado, do mal e da morte, que nos leva à experiência plena do sopro do Espírito Santo. Outrossim, reafirmamos nossa confiança na vitória de Deus Pai que nos sustenta no caminhar, superando as crises e contingências, para a vitória da nova vida.”

Diante do quadro de desesperança, não podemos ser contaminados por essa bactéria. “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo.” (Romanos 15.13). Amém!

Para refletir:

Considerando que os itens acima se relacionam com as sondagens e diagnósticos apresentados na primeira parte dessa releitura da Carta

Pastoral “Servos e Servas...”, lançar propostas de ações considerando nossas realidades particulares, distritais e regionais, de modo a esboçar possibilidades que gerem uma visão global da Igreja. Seria possível ou constitui demasiado desafio para nós hoje?

● Referências Bibliográficas

- ALLMEN, J.J. Von. *Vocabulário Bíblico*. São Paulo, Aste, 1972
- BLAUW, Johannes. *A natureza missionária da igreja*. São Paulo, Aste, 1966
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida comunitária*. São Paulo, Sinodal
- BRAKEMEIRE, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz*. São Paulo, Aste, 2004.
- BURTNER e CHILES. *Coletânea da teologia de João Wesley*. São Paulo, Imprensa Metodista
- CMI. *A confissão da fé apostólica*. São Paulo, Conic/IEPG, 1993
- COLÉGIO EPISCOPAL. *Plano nacional: objetivos e metas*. São Paulo, Cedro
- CONIC. *Compartilhando a fé comum: guia de estudo e celebração da fé para grupos de reflexão*. São Paulo, Paulinas
- DUSSEL, E. *Ética comunitária*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal
- IGREJA METODISTA. *Cânones*. São Paulo, Cedro, 2002
- IGREJA METODISTA. *Planejamento regional: 36º Concílio Regional da Quarta Região Eclesiástica*. Juiz de Fora, Instituto Granbery, 1998
- SABUGAL, Santos. *A Igreja serve de Deus: para uma eclesiologia do serviço*. São Paulo, Paulus, 1977
- SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*. 2.ed. revista e atualizada. São Paulo, SBB
- VVAA. *Vocação pastoral em debate*. São Bernardo do Campo, Editeo
- WESLEY J. *As marcas de um metodista*. São Paulo, Imprensa Metodista
- WILLIAMS, C.W. *La Teologia de Juan Wesley*. Sebila

● Textos não publicados

- Anotações pessoais do estudo proferido pelo Dr. Darci Dusilek
- Anotações pessoais do estudo proferido pelo pr. Ricardo Gondim Rodrigues
- Palestra proferida pelo bispo Adriel de Souza Maia no II Semil - Seminário Internacional de Liderança, Campina Grande